

***Religião, política e
educação: uma análise do
ciclo do marabaixo no
ensino religioso no estado
do Amapá***

**Religion, politics and
education: an analysis of
the marabaixo cycle in
religious education in the
state of Amapá**

Alysson Brabo Antero

Mestre e Graduado em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. Professor da rede pública estadual do Amapá. E-mail: alysson.edu@gmail.com

Marcos Vinícius Freitas Reis

Doutor em Sociologia – UFSCar. Professor de História/UNIFAP no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História; no Curso de Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas e na Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do Amapá. Coordenador do Grupo Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES). E-mail: marcosvinicius5@yahoo.com.br

Resumo:

Este trabalho se propôs a investigar expressões de religiosidade afro-brasileira na Amazônia amapaense e sua abordagem em contextos educativos. Para tanto, analisou uma manifestação cultural e religiosa ligada à população afrodescendente do Estado Amapá: Ciclo do Marabaixo. O fio condutor deste trabalho é perceber como princípios da religiosidade afro-brasileira podem ser trabalhados em uma perspectiva valorativa pelo professor da disciplina Ensino Religioso, assegurando o respeito a diversidade cultural e religiosa no norte do Brasil e a aprendizagem dos educandos, sobretudo. A relevância desse estudo está em reconhecer que traços da religiosidade afro-brasileira não se restringem às religiões de terreiro, valorizar o legado da população afrodescendente na constituição da religiosidade da população do Estado do Amapá e ampliar o conhecimento disponível sobre expressões de religiosidade afro-católica na Amazônia e o seu tratamento didático no Ensino Religioso.

Palavras-chave: Religiosidade. Marabaixo. Catolicismo Negro.

Abstract:

This work aims to investigate expressions of Afro-Brazilian religiosity in Amazonia and its approach in educational contexts. In order to do so, he analyzed a cultural and religious manifestation linked to the Afrodescendant population of the State Amapá: Marloixo Cycle. The guiding principle of this work is to understand how the principles of Afro-Brazilian religiosity can be worked out in an evaluative perspective by the teacher of the Religious Teaching discipline, ensuring respect for cultural and religious diversity in the north of Brazil and the learning of learners, above all. The relevance of this study is to recognize that traits of Afro-Brazilian religiosity are not restricted to terreiro religions, to value the legacy of the afro-descendant population in the constitution of the religiosity of the population of the State of Amapá and to increase the available knowledge on expressions of Afro-Catholic religiosity in the Amazon and its didactic treatment in Religious Education.

Keywords: Religiosity. Marabaixo. Black Catholicism.

Introdução

Ao andar pelas ruas dos municípios do Estado do Amapá percebemos a forte presença da cultura africana e indígena. Nome de ruas, praças, monumentos, museus, terreiros de religiões de matriz africanas, quilombos, centros de cultura negra e indígena, dentre outras expressões públicas deste universo cultural e religioso. Contudo, a expressão cultural mais conhecida é o Marabaixo.

O objetivo deste estudo é entender o que é o Marabaixo, identificar a presença de elementos da religiosidade afro-brasileira nesse festejo, e por fim, discutir as razões pelas quais o componente curricular Ensino Religioso precisa abordar esta expressão da cultural local nos conteúdos trabalhados pelos professores desta disciplina no Estado do Amapá.

Com efeito, através de pesquisa bibliográfica, buscou-se identificar princípios da religiosidade afro-brasileira no Ciclo do Marabaixo e como tais princípios podem ser tornar apresentáveis aos alunos enquanto componentes a serem conhecidos, valorizados e respeitados, através de uma organização didática intencional que busque o respeito à diversidade cultural e religiosa.

O presente estudo torna-se relevante por demonstrar que a religiosidade afro-brasileira não se restringe às religiões de terreiro, valoriza a contribuição da população afrodescendente na formação da religiosidade do Amapá e, ao mesmo tempo, amplia o conhecimento disponível sobre expressões de religiosidade afro-católica na Amazônia e apresenta maneiras de abordar princípios religiosos de matriz africana no Ensino religioso, a partir de festejos populares imersos na cultura local de cada Estado.

Amapá: dimensões geográficas, históricas e religiosas

O Amapá está localizado no extremo norte do Brasil e é o único Estado da Federação que não é interligado com os demais por via terrestre. Em seus limites territoriais ao noroeste faz divisa com a Guiana Francesa e Suriname, ao sudoeste com o Estado do Pará, no Nordeste é banhado pelo oceânico atlântico e no Sudeste pelo rio Amazonas. Para se chegar ao Amapá existem duas opções: aérea e fluvial.

A ocupação desse território começou a se efetivar na segunda metade do século XVIII, ante o litígio de Portugal com algumas nações europeias pela posse das terras do “novo mundo”. O Governo Português estabeleceu um amplo plano de ocupação, expansão e colonização de suas posses, visando, entre outros objetivos, conter o avanço de outras nações sobre seu território¹.

¹ LUNA, Verônica Xavier. *Escravos em Macapá: africanos redesenhando a Vila de São José 1840 – 1856*. João Pessoa-PB: Editora Sal da Terra, 2011.

Seguindo tal projeto, conforme o território ia sendo ocupado pelos europeus, sobretudo pelos portugueses, coube às missões religiosas a tarefa de apaziguar, converter e catequizar os índios, tornando-os mão-de-obra para o plano de ocupação do território. Concomitantemente a isso, com os colonos, chegavam levas de negros provenientes de diversas etnias, trazidos de outras províncias brasileiras como Pará, Maranhão, Rio de Janeiro e mais tarde de colônias portuguesas estabelecidas na África, para dar sustentação ao programa de ocupação e desenvolvimento da região empreendido pelo governo português².

Ao seu turno, como os índios rejeitavam a condição de submissão que o projeto de povoamento português previa, a vinda de africanos para as terras do Amapá foi intensificada. Data desse período, século XVIII em diante a formação de inúmeros quilombos no vasto território amapaense³, o que demonstra que os negros também não acatavam a servidão e os maus tratos impostos pelos colonos portugueses⁴.

Em meio a esse processo de ocupação, o contato interétnico de negros de diferentes grupos étnicos e nações com o nativo e com o europeu foi forjando, não sem conflito, “o edifício social da Amazônia”⁵.

O Amapá torna-se estado em 1988 com a promulgação da Constituição Federal. Atualmente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia Espacial – IBGE⁶ a população estimada para o Estado do Amapá em 2017 se aproxima dos 800 mil habitantes distribuídos em dezesseis municípios.

No tocante a diversidade cultural e religiosa da sociedade amapaense, percebemos nas últimas décadas a queda do número de católicos, e o aumento do número de expressões pentecostais e neopentecostais e dos sem religião. O campo religioso amapaense é marcado pela pluralidade significativa de tradições religiosas cristãs, espíritas, mórmons, tradições esotéricas, islamismo, adventistas, budistas, filosofias orientais, ateus, dentre outras formas de contato com o sagrado.

De acordo com Videira as expressões religiosas e culturais que marcam a identidade do ser “amapaense” são as manifestações populares⁷. Entre as manifestações religiosas de maior expressão no Estado do Amapá estão: o Círio de Nazaré (na cidade de Macapá), a Festa de São Tiago (no município de Mazagão), a Festa de São Joaquim (no quilombo do Curiaú) e o Marabaixo que acontece na área urbana e rural de Macapá e Mazagão e em várias comunidades remanescentes de quilombo,

² MONTORIL, Nilson. *Maracima, Marabaixo: de ladrão em ladrão a saga de uma nação*. Macapá-AP: Confraria Tucujú, 2004.

³ Atualmente no Amapá, há quatro comunidades que possuem título de Quilombo, 27 possuem certidões de autorreconhecimento emitidas pela Fundação Cultural Palmares e quase uma centena de áreas já foram identificadas como remanescentes de quilombo (JACKSON, 2014, p. 76).

⁴ LUNA, 2011.

⁵ SALLES, Vicente. *O negro no Pará: sob regime da escravidão*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serv de Publicação [e] Univ. Federal do Pará, 1971, p. 80.

⁶ Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/panorama> > Acessado em 30 nov. 2017.

⁷ VIDEIRA, Piedade Lino. *Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

espalhadas por todo o Estado.

Além dessas manifestações religiosas que acontecem no Estado do Amapá, em diferentes datas e locais há também outros movimentos que, mesmo não possuindo a dimensão dos eventos anteriormente citados, aos poucos conquistam seu espaço, reconfigurando o campo religioso na capital do Estado do Amapá. A Marcha para Jesus e a Caminhada das Bandeiras de Matriz Africana, são alguns exemplos.

Escapam ainda da análise de algumas pesquisas que se propõem estudar campo religioso, certas práticas religiosas que, mesmo não constituindo uma religião, influenciam a vida da população, como a pajelança e as inúmeras festas de santos, que apesar de toda uma exterioridade católica, na prática, acontecem à revelia do controle eclesiástico, predominando nessas festividades características da religiosidade à brasileira, tal como o Ciclo do Marabaixo, objeto de estudo desse trabalho.

Descrição do Ciclo do Marabaixo por estudiosos e nativos

O Marabaixo no Estado do Amapá por ser uma manifestação complexa, pode ser analisado, estudado e interpretado por meio de perspectivas múltiplas e complementares.

Nunes Pereira descreve o Marabaixo como uma tradição com movimento e colorido das procissões católicas, mas, ao mesmo tempo, apresenta aspectos, como a possessão, que o assemelha a alguns cultos afro-brasileiros e, suas danças e músicas lembram o frevo em Pernambuco e as marchinhas de carnaval no Rio de Janeiro⁸.

Fernando Canto expõe o Marabaixo como um movimento de resistência afrodescendente que lutou para não perder suas tradições em meio às ações de controle e, em alguns momentos, de combate declarado da igreja católica contra a cultura popular⁹.

Nilson Montoril apresenta o Marabaixo como um lugar, um espaço onde o negro conseguiu manter suas crenças e costumes sob o “disfarce” de estarem ritualizando tradições do catolicismo¹⁰.

Decleoma Pereira define Marabaixo como uma dança acompanhada ao som de caixas, sempre associada a algum santo de tradição católica¹¹.

⁸ PEREIRA, Nunes. *Shairé e Marabaixo: tradições da Amazônia*. Recife: FUNDAJ, Editora Massagana, 1951.

⁹ CANTO, Fernando. *A Água Benta e o Diabo*. Macapá: Fundação Cultural do Amapá – FUNDECAP, 1998.

¹⁰ MONTORIL, Nilson. *Maracima, Marabaixo: de ladrão em ladrão a saga de uma nação*. Macapá-AP: Confraria Tucujú, 2004.

¹¹ PEREIRA, Decleoma Lobato. *O Candomblé no Amapá: história, memória, imigração e hibridismo cultural*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2008.

Piedade Videira esboça o Marabaixo como uma dança afro-religiosa de cortejo afrodescendente que vem se notabilizando como uma das maiores manifestações de matriz africana no Estado do Amapá¹².

Para Wanda Lima o Marabaixo representa umas das principais tradições culturais do Estado do Amapá¹³.

Alysson Antero argumenta que o Marabaixo por reunir em frisante relevo elementos do católico-romano e afro-brasileiro como parte de um só ritual, torna-se expressão de um catolicismo negro no Amapá¹⁴.

Ao seu turno, os que participam do Marabaixo dão o seu próprio significado a ele. Nos depoimentos percebe-se além de uma interpretação mais experimental, vivida, que traz à memória suas origens afrodescendentes, nota-se também, um discurso de reivindicação de ancestralidade africana para o festejo: “Marabaixo é vida, é luta, é esperança, é alegria”; “Marabaixo é uma tradição, assim como o batuque que vai ficando de filho para neto”; “Marabaixo é lembrar nossos ancestrais que viveram momentos áureos aqui em nossa Macapá e contribuíram para o engrandecimento da cultura do Estado do Amapá”¹⁵.

No Município de Macapá inseriu-se o termo Ciclo, devido o evento acontecer anualmente, paralelo ao calendário pascal da Igreja Católica e também em várias etapas, ao longo de aproximadamente dois meses. Em seu período festivo intercalam-se missas; rodas de marabaixos (danças) embaladas pelo som das caixas (tambores) e ladrões¹⁶ de marabaixo; distribuição de bebidas e alimentos aos participantes; corte e levantamento de mastros; novenas; ladainhas; bailes dançantes; cortejos pelas ruas onde o evento é realizado e termina com o Domingo do Senhor, último dia do evento.

Atualmente, o Ciclo do Marabaixo em Macapá é realizado em cinco pontos diferentes e mais na comunidade rural de Campina Grande, localizada a 21 km de Macapá. Em cada local, o festejo é coordenado por uma associação que homenageia determinado santo, conforme tabela abaixo:

Bairro/Comunidade	Associação	Santo Homenageado
Julião Ramos	Raimundo Ladislau	Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade
Jesus de Nazaré	Grupo do Pavão	Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade

¹² VIDEIRA, Piedade Lino. *Marabaixo, Dança Afrodescendente*: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

¹³ LIMA, Wanda da Silva Ferreira. *Ciclo do Marabaixo*: permanência e inovações de uma festa cultural. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

¹⁴ ANTERO, Alysson Brabo. *Tambores no Meio do Mundo*: Expressão de um catolicismo negro no Amapá. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015.

¹⁵ MARABAIXO: ciclo de amor, fé e esperança. Prefeitura Municipal de Macapá, 2008. DVD.

¹⁶ Versos “roubados” das histórias e dramas da vida real da comunidade que viram canções.

Santa Rita	Berço do Marabaixo	Santíssima Trindade
Santa Rita	Azebic	Santíssima Trindade
Santa Rita	Raízes da Favela	Santíssima Trindade
Campina Grande	União Folclórica Casa Grande	São Benedito

Tabela 1 – Localidade, associação e santo homenageado (elaborada pelos autores)

Com o objetivo de ajudar a compreender melhor em que consiste esse festejo no seu conjunto, descrevemos todas as etapas do Ciclo do Marabaixo, realizado no bairro de Santa Rita, pela Associação Berço o Marabaixo, entre os meses de abril a junho de 2014.

Primeiro momento: *Marabaixo de Aleluia*

O primeiro dia do Ciclo do Marabaixo se deu num sábado (sábado de aleluia), em um final de tarde quente, como costumam ser os dias em Macapá. Reunidos no barracão Tia Gertrudes os marabaixeiros deram início as rodas de marabaixo em homenagem à Santíssima Trindade dos Inocentes.

Nos rostos das pessoas era perceptível ver a alegria e satisfação por estarem participando de mais um Ciclo do Marabaixo, evento que traz à memória suas origens, a afirmação de suas ascendências africanas, o legado de seus antepassados e a renovação da fé no santo homenageado.

Segundo momento: *Marabaixo do trabalhador*

Essa etapa contou com a participação de grupos de marabaixo da área urbana e rural de Macapá. Assim como no primeiro dia do festejo, o ponto alto desse momento foram as rodas de marabaixo embaladas ao som dos tambores e ladrões. O toque dos tambores ditando o ritmo das músicas e a cadência das danças constitui uma das marcas indelévels do negro na condução desse festejo¹⁷.

Aos convidados ofereceu-se gratuitamente bebidas tais como refrigerante, cerveja e gengibirra, bebida tradicional feita à base de cachaça e açúcar. Ofertaram também um saboroso caldo de carne com verduras.

¹⁷ ANTERO, Alysson Brabo. Religiosidades do Amapá: entre o Catolicismo e as Religiões Afro-brasileiras. *Revista Terceira Margem Amazônia*, Manaus; v. 2, p. 87-98, 2017.



Figura 1 – Marabaixeiros tocando caixas durante o Marabaixo do Trabalhador 2014 (Foto: Alysson Antero, 2014)

Terceiro momento: *Marabaixo das Mães*

Esse momento do Marabaixo iniciou pela manhã e pareceu uma reunião familiar. Dona Natalina Costa, com seus 83 anos de idade, foi a grande homenageada. Mesmo com sérios problemas de saúde faz questão de participar dos principais momentos do festejo e contando com ajuda de familiares, gosta de dançar nas rodas de marabaixo.

Falar de Natalina é quase impossível não falar de sua mãe, dona Gertrudes. Ambas lideraram o Marabaixo numa época de pouco prestígio da manifestação. Dona Gertrudes é reconhecida como a pioneira do Marabaixo no bairro de Santa Rita. Foi ela quem iniciou as homenagens à Santíssima Trindade após receber um milagre do santo. Mesmo sendo analfabeta, tornou-se mestra na arte de tocar, cantar e dançar. Por sua coragem, determinação e fé é reconhecida como uma mulher guerreira, que fez uma promessa e a cumpriu. Deixando o legado para seus familiares e amigos¹⁸.

Ao anoitecer o barracão tornou-se um espaço eclético. Junto com as rodas de marabaixo houve apresentação de músicas ao vivo dos mais variados gêneros como brega, forró, lambada, gospel entre outros. No lugar do famoso caldo foi ofertado aos participantes arroz paraense e vatapá.

¹⁸ ANTERO, Alysson Brabo. Negras Guerreiras do Ciclo do Marabaixo. In: Daniela Coordovil. (Org.). *Religião, gênero e poder: estudos Amazônicos*. 1ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2015, v. 1, p. 13-30.

Quarto momento: *Marabaixo do Mastro*

Essa etapa do festejo começou pela manhã, quando os grupos de marabaixo de Macapá foram à Comunidade Quilombola do Curiaú para apanhar os mastros e os deixaram próximos às sedes das associações.

Ao entardecer desse dia, o barracão Tia Gertrudes já estava arrumado. Na cozinha o caldo recebia seus últimos preparos e, mesmo com um público numericamente pequeno, formado por familiares e amigos próximos, a festa foi iniciada ao som de tambores que podiam ser escutados de longe.

Quinto momento: *Novenas*

Durante nove dias seguidos foram realizadas no barracão novenas em homenagem à Santíssima Trindade. Esses dias são marcados pelo baixo número de pessoas participando e pela dependência ao senhor que reza e canta as ladainhas em um latim aportuguesado.

Se nas outras etapas o clímax das homenagens são as rodas de marabaixo que duram horas, durante as novenas prevalece no ar um clima de reverência e o ritual não ultrapassa 60 minutos.

Sexto momento: *Marabaixo da Murta*

Esta é uma das etapas mais longas do festejo. Ao final da tarde os participantes concentrados no barracão, saíram em procissão cantando, dançando, tocando e soltando fogos de artifícios para apanhar as folhas da murta a fim de enfeitar o mastro. Ao chegarem ao local indicado, pegam as folhas e voltam para o barracão onde tocaram, cantaram e dançaram até o amanhecer do outro dia.

Por volta das 06 da manhã, os marabaixistas que conseguiram permanecer acordados saíram do barracão cantando e dançando ao rufar das caixas e foram para a rua erguer, já enfeitado com as folhas de murta, o mastro da Santíssima Trindade. Nessa hora fogos de artifícios foram soltos.

Com o mastro já erguido a programação do Marabaixo da Murta chega ao seu fim. Após o encerramento foi ofertado café da manhã para os que conseguiram se manter firmes durante essa exaustiva etapa.

Sétimo momento: *Domingo da Santíssima Trindade*

Esse momento do festejo se inicia com os integrantes do Grupo Berço do Marabaixo indo participar da missa da Santíssima Trindade, numa igreja católica na periferia de Macapá.

Após a missa, foi oferecido no barracão um farto café da manhã. Grande parte da alimentação é ofertada pelos promotores do evento, mas, é possível ver pessoas trazendo frutas, bolos e outros alimentos para serem degustados nesse café matinal.

Por volta do meio dia é oferecido um almoço primeiramente a 12 crianças. Quando elas acabam os demais tomam parte no banquete. O motivo de primeiro serem servidas as crianças está por conta da promessa de Dona Gertrudes à Santíssima Trindade. A programação do Domingo da Santíssima Trindade continua pela parte da tarde até o início da noite, com atividades de entretenimento para as crianças, principalmente.

Oitavo momento: *Marabaixo de Corpus Chistus*

As festividades em homenagem à Santíssima Trindade estão chegando ao fim. Mas seus agentes ainda têm fôlego para dançar e cantar ao som de caixas de marabaixo. A gengibirra é bebida indispensável. Não falta também o caldo de carne com verduras para dar sustância aos participantes. Praticamente em todos os eventos aconteceram rápidas pausas para pronunciamento da festeira que registrava a presença de pessoas amigas e divulgava os patrocinadores do evento entre empresas, políticos e o poder público.

Nono momento: *Domingo do Senhor*

Última etapa do Ciclo do Marabaixo. Os participantes reunidos no barracão após intensas rodas de marabaixo saem do recinto privado e ganham a rua para derrubarem o mastro da Santíssima Trindade. Em seguida, os marabaixistas adentraram ao barracão e sem parar de tocar e cantar reconstituíram a roda de marabaixo, expressão máxima de agradecimento ao santo.

E nesse clima de festa foram até tarde da noite em meio a sentimentos do dever cumprido, felicidade, êxito, saudades dos momentos de confraternização e, ao mesmo tempo, renovação da fé na Santíssima Trindade.

Ensino Religioso e o Marabaixo

Por muito tempo as aulas de Ensino Religioso foram um braço da igreja católica com a missão de ensinar e doutrinar segundo os preceitos do cristianismo¹⁹.

¹⁹ VULCÃO, Maria de Lourdes Sanches. *O Ensino Religioso no Amapá: uma disciplina em construção*. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Cantão-Go, 2016

Segundo Junqueira *apud* Vulcão até o final do século XX, a seleção de conteúdos e a escolha dos profissionais de Ensino Religioso era indicação da igreja católica e algumas poucas denominações cristãs. Esse domínio da igreja sobre o ensino religioso é denominado de modelo confessional²⁰.

Considera-se que o Ensino Religioso esteve refém de instituições religiosas, sobretudo do catolicismo²¹. Porém, surge um modelo que visa superar a catequese por meio de aulas que promovam o diálogo com a sociedade e as diferentes instituições religiosas. É o modelo teológico do Ensino Religioso²².

Os críticos desse modelo denunciavam, entretanto, que práticas catequéticas sobre o disfarce de um discurso ecumênico ainda são possíveis de serem praticadas.

Surge então um terceiro modelo, denominado por Passos *apud* Silva de modelo das Ciências da Religião que: “Rompe com os dois anteriores em nome da autônoma epistemológica e pedagógica do Ensino Religioso”²³.

Nessa perspectiva, a religião e a religiosidade passam a ser compreendidos como fenômenos antropológicos e socioculturais e a razão para entendê-las e estudá-las não são religiosas, antes, cognitivas e pedagógicas.

É com essa visão de Ensino Religioso voltado para uma análise do fenômeno religioso que este artigo se fundamenta. Essa perspectiva é condição *sine qua non* para analisar diferentes manifestações culturais e enxergá-las para além do que elas se mostram, ou seja, analisar o universo dos fenômenos, impregnados de religiosidades, e entendê-los em seus aspectos: histórico, cultural, social e religioso.

A prática pedagógica no ensino Religioso no modelo das Ciências da religião, deverá, nesse sentido, superar o método da doutrinação/proselitismo, posto em prática pela transmissão do conhecimento, no modelo catequético e teológico, na mais estreita aproximação do que Paulo Freire chamou de educação bancária²⁴.

Compreendendo as aulas de Ensino Religioso como espaço privilegiado para formação completa do educando, o professor deverá colocar em prática a transposição didática, ou seja, transformar conhecimento científico e empírico em conhecimento pedagógico/escolar, Chevallard

²⁰ Junqueira *apud* Vulcão, 2016.

²¹ SILVA, Marínilson Barbosa da. *Em busca do significado do ser professor de ensino religioso*. João Pessoa: Ed Universitária UFPB, 2010.

²² Passos *apud* Silva, 2010.

²³ SILVA, 2010, p.20.

²⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

apud Polidoro e Stigar²⁵. Tal exercício se realiza quando o professor planeja e constrói seus planos de curso e de aula.

Dessa forma, o tratamento didático dos conteúdos do Ensino Religioso realiza-se, a nível da análise do fenômeno religioso, a partir da pluralidade cultural da sociedade onde a escola está inserida, preocupa-se em salvaguardar a liberdade de expressão religiosa do educando, conforme expressa a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 5º: “É inviolável a liberdade de consciência e crença”²⁶.

Com efeito, entendemos que o Ensino Religioso, a partir do modelo das ciências da religião, contribui para que escolas públicas e privadas discutam a identidade cultural e religiosa no contexto que estão inseridas.

Diferente das aulas de História, Geografia, Literatura e das outras áreas do conhecimento, o professor que trabalha com a disciplina Ensino Religioso, a partir da presença das manifestações religiosas, busca entender a lógica de funcionamento da sociedade e a atuação dos sujeitos nos mais variados espaços que frequenta.

Com efeito, compreender a religião a partir da sua influência nos setores da sociedade é uma maneira de identificar e compreender os atributos indeníveis dos grupos sociais, sujeitos e instituições que o fazem parte. No contexto amapaense, estudar o Ciclo do Marabaixo é importantíssimo para compreender a dinâmica de funcionamento da sociedade amapaense.

Ao seu turno, estudar os elementos constitutivos do Marabaixo, a exemplo das roupas, comida, música, danças, orações, festejos, dentre outros aspectos é mostrar que a sociedade amapaense é marcada fortemente pela influência da cultura negra e indígena. Dito de outra forma: a produção das vestimentas, os ritmos e letras musicais, a dança com os pés na relação entre homens e mulheres, o preparo da festa e a execução do Ciclo, demonstram a presença da cultura negra na formação da identidade do povo amapaense.

Decerto, o Ciclo do Marabaixo realizado em Macapá por reunir momentos lúdicos e religiosos como parte de um só ritual, não depender do aval da igreja para acontecer e imprimir na devoção elementos afro-brasileiros como o tambor, a dança, entre outros, configura-se como expressão de catolicismo negro na Amazônia amapaense²⁷.

Desta forma, quando os agentes do Marabaixo se dizem católicos não estão usando a religião como máscara ou um disfarce, muito menos estão errados por não mencionarem que tocam tambores

25 POLIDORO, Lurdes e STIGAR, Robson. A Transposição Didática: a passagem do saber científico para o saber escolar. *Revista Teologia e Cultura*. Ano VI. n. 27. p. 153-159, 2008.

26 BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 1988.

27 Antero, 2015, p. 97.

e eventualmente presenciarem performances de possessão. Tais eventos estão inseridos na crença e na prática do catolicismo negro que praticam²⁸.

Assim, o Ciclo do Marabaixo que acontece na Amazônia amapaense, especificamente na cidade de Macapá é expressão de religiosidade afro-católica de parte considerável da população do Estado do Amapá, sobretudo daqueles que reconhecem ter uma ascendência africana.

Diante disso, busca-se identificar princípios e componentes presentes nessa manifestação que, de alguma maneira, expressa traços da religiosidade afro-brasileira no Amapá e como esses elementos podem ser trabalhados didaticamente pelo professor de Ensino Religioso em turmas do 6^a ao 9^o ano.

Ressalta-se que não temos a pretensão de trazer uma proposta perfeita do ponto de vista técnico-pedagógico, antes, apresentamos maneiras de abordar, na disciplina de Ensino Religioso, princípios da religiosidade afro-brasileira. Tais propostas podem ser ajustadas, testadas e alteradas de acordo com a manifestação religiosa, contexto sociocultural e realidade da escola e outros fatores.

Princípio da Ancestralidade

Objetivos: perceber a ascendência africana do Marabaixo; valorizar o legado do povo negro e afro-brasileiro e reconhecer o caráter secular dessa tradição afro-amapaense.

Recurso Didático-pedagógico: TV – Vídeo

Carga Horária: a definir

Começamos então pelo princípio da ancestralidade, fato evidenciado por Videira no Ciclo do Marabaixo de Macapá

A “Nação Negra”, como é intitulado o bairro do Laguinho por seus moradores, recebeu a Dança do Marabaixo como herança de seus pais, avós e familiares em geral, que, por sua vez receberam de seus ancestrais africanos, como enfatizam os mantenedores e brincantes para o fazerem com alegria, orgulho e respeito e ainda reverenciar a história, seus santos, seus antepassados, sua crença, seus símbolos e legar toda essa riqueza cultural e históricas às futuras gerações²⁹.

Percebe-se pelo descrito que a ancestralidade é um princípio presente nessa manifestação. Por ancestralidade entende-se o respeito e o valor que as atuais gerações atribuem ao passado que remete à África. O Ciclo realizado hoje é uma tradição com uma ascendência histórica africana. Sua manutenção representa uma prática religiosa historicamente ligada à população de maioria negra em Macapá, que vem mantendo vivo os lamentos, o orgulho e a fé de nossos ascendentes de origem africana.

²⁸ Antero, 2015, p. 97.

²⁹ VIDEIRA, 2009, p. 99.

A partir da exibição de trechos de um vídeo sobre o Ciclo do Marabaixo³⁰ o professor pode incentivar os alunos a expressarem verbalmente o que é o Ciclo do Marabaixo e no diálogo com eles demonstrar, contextualizar e destacar seu caráter secular e ao mesmo tempo valorizar o legado dos negros trazidos da África que suportaram momentos hostis decorrente da escravidão, mas nunca desistiram de buscar dias melhores, sendo seus festejos uma forma de resistência e manutenção da memória, da história, da origem que remonta ao continente africano.

Como aprofundamento do assunto o professor, (indicando os livros na biblioteca da escola ou nome do site na internet) pode solicitar que os alunos em grupos façam pesquisas sobre a origem desse festejo afro-brasileiro.

Como atividade o professor pode desafiar os alunos a fazerem uma linha do tempo do Marabaixo. Objetiva-se com esse exercício que os alunos percebam o caráter secular do festejo e a ascendência africana reivindicada por seus atores sociais.

Princípio da Oralidade

Objetivos: compreender a oralidade como uma das maneiras de transmitir conhecimentos religiosos e respeitar a sabedoria dos mais velhos.

Recurso Didático-pedagógico: Depoimentos de atores sociais do Marabaixo (se possível, convidar para estarem na aula).

Carga Horária: a definir

Noutro momento a autora destaca outro princípio, ligado a ancestralidade, a saber, a oralidade

O Marabaixo é uma dança afrodescendente em que dançam adultos, jovens e crianças entre homens e mulheres. Não há limites de participantes e se aprende a dançar e a tocar dançando e tocando na comunidade luguinense. Em alguns casos as pessoas mais antigas sentam com as crianças para ensinar-lhes sobre a tradição, seus princípios e sentidos. O conhecimento sobre a dança e a história do Marabaixo é transmitido por meio da oralidade pelos mais antigos aos mais jovens³¹.

As expressões religiosas de matriz africana não possuem um texto base como as religiões do livro (judaísmo, cristianismo e islamismo). O conhecimento, a tradição, a história é repassada oralmente de geração para geração. A oralidade, então, é outro princípio presente no Marabaixo conforme pode ser depreendido do texto citado. As gerações mais velhas através da voz, da memória, da dança, da música ensinam as mais novas. Esse ensinamento ocorre na vivência da tradição, isto é, nos momentos ritualísticos que compõem o Ciclo do Marabaixo. À medida que crianças e jovens se envolvem, eles aprendem a valorizar cada momento do Ciclo como parte integrante de suas histórias

³⁰ Como sugestão indicamos o Documentário Marabaixo: *ciclo de amor, fé e esperança*.

³¹ VIDEIRA, 2009, p. 101.

de vida. Diante disso, a oralidade no Marabaixo exerce uma função educativa, pois faz recordar o passado, dá significado ao presente e abre perspectiva do que está por vir³².

Nesse aspecto o professor de Ensino Religioso convida um dos atores protagonistas do Ciclo do Marabaixo para visitar a escola e ter um momento de diálogo com alunos, relatando sua trajetória de vida, sua participação no festejo e expõe as dificuldades e os aspectos pedagógicos práticos de como os ensinamentos sobre o Marabaixo são repassados.

Esse momento proporcionará aos alunos a valorização da sapiência dos mais velhos, que reconheçam a importância do princípio oralidade, “colocado em segundo plano na modernidade”³³ e, ao mesmo tempo “compreenderem as tradições orais como expressão mais antigas da religiosidade, as quais oferecem, em linguagem simples e sábia, o essencial do sentido da vida”³⁴.

Ao final, os alunos são desafiados a fazerem um texto relatando o que aprenderam com o princípio da oralidade, presente também no Ciclo do Marabaixo.

Princípio da Circularidade

Objetivos: perceber o princípio da circularidade no Marabaixo e noutras manifestações afro-brasileiras. Conhecer as vantagens desse princípio: igualdade, ausência de hierarquia, transmissão de energia positiva.

Recurso Didático-pedagógico: excursão a um dos momentos do Marabaixo (na impossibilidade, mostrar vídeo do Marabaixo, em que circularidade possa ser visualizada).

Carga Horária: a definir

Outro elemento descrito pela autora no Ciclo do Marabaixo é a circularidade

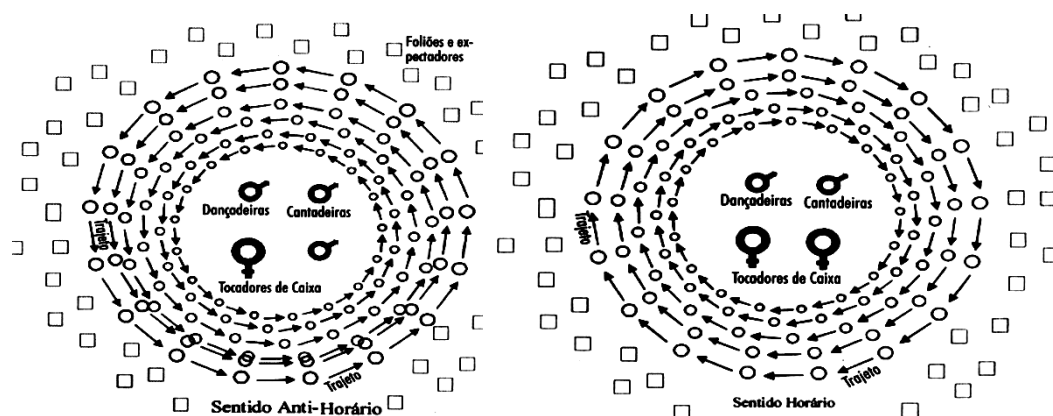


Figura 2 – Princípio da Circularidade no Ciclo do Marabaixo³⁵

³² OLIVEIRA, Pedro. A Ribeiro de e MORI, Geraldo de (orgs). *Religião e Educação para cidadania*. São Paulo: Paulinas, Belo Horizonte: Soter, 2011.

³³ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais*. Brasília: SECAD, 2010.

³⁴ CARNIATO, Maria Inês. *Expressão do sagrado na humanidade*; 7ª série / 5 ed. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 52.

³⁵ VIDEIRA, 2009, p. 106

A roda tem um significado muito grande, nela não há hierarquia, todas as pessoas podem se ver e transmitir energias positivas. A circularidade é um elemento significativo entre os índios brasileiros, mas também está presente em várias manifestações afro-brasileiras: na capoeira, no samba, no tambor de crioula, na umbanda, no Candomblé e também no Marabaixo do Estado do Amapá. Tendo os tocadores de caixa e as cantadeiras ao centro, em volta forma-se um grande círculo onde crianças, adultos e anciões põem-se a dançar e cantar.

No encaminhamento didático o professor pode abordar o princípio da circularidade mudando a disposição das cadeiras em sala de aula de fila indiana para uma forma circular e mostrar com o círculo opõe-se a hierarquia, iguala a todos e permite a fluidez de energia. Noutro momento mostrar esse princípio na prática através de uma excursão dos alunos a um dos momentos do Ciclo do Marabaixo. No retorno a sala de aula oportunizar aos educandos expressarem suas impressões e pontos de vistas sobre o que viram.

Como atividade os alunos, em dupla, podem ser desafiados a responderem aos seguintes questionamentos: em quais manifestações culturais e religiosas o princípio da circularidade pode ser visto? Esse princípio pode ser usado na escola? Em quais ocasiões? O que o princípio da circularidade proporciona ao grupo que dele utiliza?

Princípio da Ludicidade

Objetivos: compreender os momentos lúdicos e religiosos do Marabaixo como parte de um só ritual. Orgulhar-se de conhecer, presenciar e participar de uma tradição que se manteve viva em meio a tantas perseguições e intempéries.

Recurso Didático-pedagógico: Execução da dança do Marabaixo, acompanhada pela percussão ao vivo dos tambores e ao som de muitos ladrões. Na impossibilidade da presença de um grupo, usar a TV – Vídeo.

Carga Horária: a definir

Outro elemento presente no Marabaixo que o identifica com a religiosidade afro-brasileira e a ludicidade. Vejamos o que Videira traz sobre isso

O festejo do Ciclo do Marabaixo é dividido em duas partes: o lado religioso e lúdico. O primeiro envolve as ladainhas – nove para cada santo (Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade), rezadas em latim popular, missas oferendas e promessas. O segundo é composto da dança propriamente dita, regado a gengibirra, cozidão (comida típica), cantigas, dança e instrumento de percussão³⁶.

Apesar da divisão proposta pela autora, sabe-se que para os participantes, o momento lúdico

³⁶ VIDEIRA, 2009, p. 101, 102

não ocorre como elemento a parte do festejo, ou seja, não há uma dicotomia religioso-profano, antes, a presença de elementos religiosos com lúdicos fazem parte do mesmo ritual, reza e festejos acontecem harmonicamente.

Diríamos então que a ludicidade é parte intrínseca ao Ciclo do Marabaixo, e o caracteriza como expressão da religiosidade de raiz africana, afinal, “O que aqui se propõe não é a oposição, nem dualismo, nem mera identificação; mas descoberta gradual da dimensão religiosa presente em toda experiência humana, pessoal ou comunitária. Esta dimensão dá sentido novo a todos os setores da vida e suas manifestações”³⁷.

Nesse aspecto o profissional de Ensino Religioso apresenta aos alunos a alegria, a descontração, a brincadeira, a dança como parte inerente a expressão religiosa afro-brasileira, presente também no Marabaixo. Quanto mais os alunos conhecerem sobre o princípio da ludicidade, mais saberão respeitar e valorizar o festejo, enquanto tradição cultural e religiosa que nos identifica enquanto afro-brasileiros e que dá sentido a existência de quem participa, conforme pondera Romano.

Cada comunidade religiosa possui sua maneira de apresentar e representar o Transcendente no qual acredita, tem fé; essa maneira é muito importante porque “dá força” às pessoas para enfrentarem suas dificuldades e também gerar unidade entre os membros da comunidade³⁸.

Como sugestão de atividade os alunos divididos em dois ou três grupos fariam painéis com representações do Marabaixo com uma breve explicação na parte inferior do Painel.

Rufar dos Tambores

Objetivos: Minimizar as expressões estereotipadas que se tem do toque das caixas de Marabaixo; compreender e valorizar a importância das batidas dos tambores nos festejos afro-brasileiros.

Recurso Didático-pedagógico: Som estéreo/CD player (se possível percussão ao vivo).

Carga Horária: a definir

O rufar dos tambores é outro elemento que concorre para definir o Marabaixo como símbolo de expressão da religiosidade afrodescendente. Videira expõe

Na dança do Marabaixo o ritmo é marcado e ditado pelas caixas... o toque se dá da seguinte forma: a baqueta que é tocada com a mão esquerda chama: ‘ta...ta’ e a baqueta que é tocada com a mão direita, responde ‘tum...tum’. As duas partes juntas viram o toque: ‘tá...tá...tá...tum...tum’³⁹.

³⁷ GRUEN, Wolfgang. *O ensino religioso na escola*. Petropolis, RJ: Vozes, 1994. p. 117.

³⁸ ROMANIO, Adilson Miguel. *Redescobrimo o Universo religioso*. Ensino fundamental. Volume 7 / 3 ed. – Petrópolis: Vozes, 2009, p. 68.

³⁹ VIDEIRA, 2009, p. 109.

Tocadas por homens e mulheres o som da caixa de Marabaixo é um dos principais elementos que faz esta manifestação ser associada à matriz africana, incluindo as religiões de terreiro. Muito embora, segundo Decleoma Pereira, alguns participantes rejeitem essa associação. Esta autora, valendo-se do depoimento de uma marabaixeira adepta de religiões de terreiro, explica que os atabaques e tambores nas religiões de terreiro têm fundamento, ou seja, são tocados com um propósito: intermediar, atrair os orixás. Esse fundamento, não existe no Marabaixo, em que as caixas são tocadas com o fim de louvar e agradecer ao santo homenageado e ao mesmo tempo animar os participantes⁴⁰.

Videira, entretanto, não desassocia o tambor de Marabaixo com princípios semelhantes às religiões de terreiro: “Os tambores africanos são vivos e servem para chamar os espíritos dos antepassados”⁴¹. Discordância a parte, o fato é que o toque de tambores presentes no Ciclo do Marabaixo expressa traços da religiosidade afrodescendente.

O encaminhamento didático do princípio soar dos tambores pode ocorrer por meio do áudio das caixas de marabaixo. Aqui a presença de um tocador com sua caixa e baqueta pode ajudar os alunos a se aproximarem desse elemento e a desmitificar, para não dizer desdemonizar, o rufar dos tambores de Marabaixo.

A musicalidade através dos cânticos e rufar dos tambores são expressões da religião afro-brasileira, tidas por algumas pessoas como algo ruim e até diabólico, mas através de uma abordagem valorativa e de respeito nas aulas de Ensino Religioso o aluno pode aprender a respeitar e até tocar caso a escola se proponha a desenvolver um projeto com grupos locais que desenvolvem atividades de resgate e valorização de elementos afro-brasileiros.

Como proposta de atividade, os alunos reunidos em grupo podem ser desafiados a confeccionar através de materiais recicláveis caixas de marabaixo para serem expostas nas amostras pedagógicas ou outros eventos análogos da escola.

Considerações finais

Diante da possibilidade de múltiplos olhares que o Ciclo do Marabaixo no Amapá permite-nos fazer, tentou-se nesse artigo realizar uma breve descrição dessa manifestação afro-amapaense, bem como, identificar e analisar princípios e elementos de matriz religiosa africana presente nesse fenômeno que o faz representante do catolicismo negro no Amapá, digno de ser abordado nos contextos educativos da disciplina Ensino Religioso.

⁴⁰ Pereira, 2008.

⁴¹ VIDEIRA, 2009, p. 99.

Ao final dessa análise, foi possível perceber que o Ciclo do Marabaixo, mesmo com toda exterioridade católico-romana, possui inúmeros componentes (ancestralidade, oralidade, circularidade, ludicidade, toque dos tambores) que o associam às religiões afro-brasileiras.

Assim, parece-nos legítimo inferirmos que um Ensino Religioso embasado no modelo das Ciências da Religião e com uma proposta educacional preconizada nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso e na Lei 11.645/08, a qual estabelece a inclusão no currículo oficial da rede de ensino da temática história e Cultura afro-brasileiras e indígena, tem diante de si o desafio de abordar festejos populares imersos na cultura local de cada Estado, como o Ciclo do Marabaixo no Amapá, e, através da transposição didática, além de torná-las apresentáveis, deve contribuir para que alunos afrodescendentes elevem sua autoestima, valorizem seu pertencimento étnico-racial e, em última análise, assegure o respeito a diversidade cultural e religiosa no Brasil.

Referências

- ANTERO, Alysson Brabo. Ciclo do Marabaixo: uma das expressões da religiosidade afrodescendente no Amapá. In. *1º SIMPÓSIO SUDESTE DA ABHR / 1º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA ABHR. Anais*. São Paulo, 2013. v. 1. p. 581-592.
- ANTERO, Alysson Brabo. *Tambores no Meio do Mundo: Expressão de um catolicismo negro no Amapá*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015.
- ANTERO, Alysson Brabo. Negras Guerreiras do Ciclo do Marabaixo. In: Daniela Coordovil. (Org.) *Religião, gênero e poder: estudos Amazônicos*. 1ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2015, v. 1, p. 13-30.
- ANTERO, Alysson Brabo. Religiosidades do Amapá: entre o Catolicismo e as Religiões Afro-brasileiras. *Revista Terceira Margem Amazônia*, Manaus; v. 2, p. 87-98, 2017.
- CANTO, Fernando. *A Água Benta e o Diabo*. Macapá: Fundação Cultural do Amapá – FUNDECAP, 1998.
- CARNIATO, Maria Inês. *Expressão do sagrado na humanidade; 7ª série / 5 ed.* São Paulo: Paulinas, 2001 (Coleção ensino religioso fundamental).
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- GRUEN, Wolfgang. *O ensino religioso na escola*. Petropolis, RJ: Vozes, 1994.
- LIMA, Wanda da Silva Ferreira, *Ciclo do Marabaixo: permanência e inovações de uma festa cultural*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.
- LUNA, Verônica Xavier. *Escravos em Macapá: africanos redesenhando a Vila de São José 1840 – 1856*. João Pessoa-PB: Editora Sal da Terra, 2011.

MARABAIXO: ciclo de amor, fé e esperança. Prefeitura Municipal de Macapá, 2008. DVD.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais*. Brasília: SECAD, 2010.

MONTORIL, Nilson. *Maracima, Marabaixo: de ladrão em ladrão a saga de uma nação*. Macapá-AP: Confraria Tucujú, 2004.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de e MORI, Geraldo de (orgs). *Religião e Educação para cidadania*. São Paulo: Paulinas, Belo Horizonte: Soter, 2011.

PEREIRA, Nunes. *Shairé e Marabaixo*. Tradições da Amazônia. Recife: FUNDAJ, Editora Massagana, 1951.

PEREIRA, Decleoma Lobato. *O Candomblé no Amapá: história, memória, imigração e hibridismo cultural*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2008.

POLIDORO, Lurdes e STIGAR, Robson. A Transposição Didática: a passagem do saber científico para o saber escolar. *Revista Teologia e Cultura*. Ano VI. n. 27. p. 153-159, 2008.

ROMANIO, Adilson Miguel. Redescobrimo o universo religioso. Ensino fundamental. Volume 7 / 3 ed. – Petrópolis: Vozes, 2009.

SALLES, Vicente. *O negro no Pará: sob regime da escravidão*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serv de Publicação [e] Univ. Federal do Pará, 1971.

SILVA, Marinilson Barbosa da. *Em busca do significado do ser professor de ensino religioso*. João Pessoa: Ed Universitária UFPB, 2010.

VIDEIRA, Piedade Lino. *Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

VULCÃO, Maria de Lourdes Sanches. *O Ensino Religioso no Amapá: uma disciplina em construção*. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Cantão-Go, 2016.